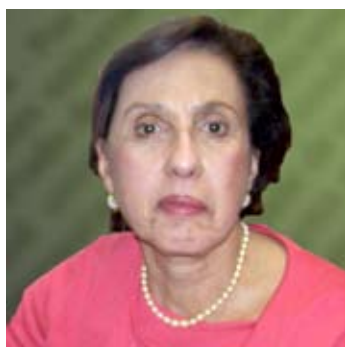


UM MERCADO CADA VEZ MAIS FEMININO



Cristina Bruschini: Se eu fosse dar um retrato bem objetivo, eu diria que o mercado de trabalho feminino é feito de avanços e permanências.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 2

As mulheres estão ganhando espaço em todas as atividades do mercado de trabalho. Embora a expansão tenha se destacado nos anos 70, pesquisas mostram que a cada década a mulher ganha mais evidência no mercado de trabalho. Na década de 80, apesar da estagnação da atividade econômica e da deteriorização das oportunidades, as mulheres continuaram ingressando nas atividades extra domésticas. Já nos anos 90, com a abertura do mercado globalizado, a disseminação não foi diferente. Cristina Bruschini, pesquisadora sênior da Fundação Carlos Chagas e autora de diversos trabalhos envolvendo o trabalho feminino, destaca que, apesar da expansão durante todos esses anos, o perfil das trabalhadoras mudou radicalmente. Algumas mudanças dizem respeito ao perfil etário, ao estado civil e à escolaridade. Na década de 1970, as trabalhadoras eram na sua maioria jovens, solteiras sem filhos e pouco escolarizadas. Na década de 1980, elas já estavam com idade acima de 25 anos, eram casadas com filhos e com níveis mais elevados de instrução. Veja a entrevista:

FOLHA DIRIGIDA – A senhora está trabalhando alguma pesquisa sobre o trabalho da mulher atualmente? Suas pesquisas abordam a história e conseqüências do trabalho da mulher ou somente a situação atual?

Cristina Bruschini – Eu estou trabalhando sempre na questão do trabalho da mulher porque me fascina e há muitas solicitações. Também temos um banco de dados no site da Fundação Carlos Chagas, que inclui dados até 2002, e que procuramos atualizar sempre. São dados e indicadores sobre o trabalho da mulher, agregados em vários tópicos, por exemplo, mulher, trabalho e educação; mulher, trabalho e família e outros. Também há indicadores gerais, como taxa de atividade, percentual de mulheres entre todos os trabalhadores, número absoluto de trabalhadoras e assim por diante. As pesquisas têm uma dimensão histórica, não desde a idade média, mas pelo menos desde 1950.

FOLHA DIRIGIDA – Que avaliação a senhora faz da atual posição da mulher no mercado de trabalho?



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 3

Cristina Bruschini – Basicamente a mulher está conquistando muito espaço. Ela está entrando, sucessivamente, no mercado de trabalho e não tende a retroceder. Está avançando sistematicamente, em um movimento de conquista. Entretanto, há ainda espaços bem tradicionais que não foram rompidos. Se eu fosse dar um retrato bem objetivo, eu diria que o mercado de trabalho feminino é feito de avanços e permanências. De um lado, cerca de 35% do mercado de trabalho feminino é composto por trabalhadoras concentradas em atividades informais e precárias, sendo que só o emprego doméstico abriga 17% das trabalhadoras. Além disso, há as trabalhadoras não remuneradas, que são as mulheres do comércio e do campo que ajudam as famílias sem qualquer remuneração; as trabalhadoras a domicílio; as sacoleiras, entre outras. Todas essas atividades, tipicamente femininas, são precárias porque não têm registro em carteira, têm períodos muito longos de trabalho e salários muito baixos. Cerca de 75% das empregadas domésticas no Brasil ganham menos de dois salários mínimos. No caso dos avanços, há atividades de melhor qualidade e que nas quais as mulheres estão ingressando pela via da escolaridade.

FOLHA DIRIGIDA – E, esse avanço da escolaridade se dá tanto na conclusão do ensino médio quanto do superior...

Cristina Bruschini – Sim. Em um dado momento, cerca de 63% dos concluintes do ensino superior são do sexo feminino. As mulheres começam a entrar em atividades que antes não eram abertas a elas, como por exemplo, a área da medicina, toda a área do direito, arquitetura e mesmo a engenharia.

FOLHA DIRIGIDA – O que levou a essa mudança?

Cristina Bruschini – As mulheres passaram a ingressar na universidade porque passaram a ter outras perspectivas de vida diferentes da doméstica. Elas quiseram ir para uma atividade profissional, no espaço público, e foram em massa para às universidades e, conseqüentemente, para o mercado de trabalho.

FOLHA DIRIGIDA – Porque as mulheres ainda ganham menos do que os homens, mesmo quando exercem as mesmas atividades?

Cristina Bruschini – São várias explicações. Elas estão chegando agora ao mercado de trabalho e são mais jovens. Elas estão concentradas nas profissões de pior qualidade e isso achata os salários. Mas, ainda, há o fator discriminação, puro e simples. As mulheres continuam tendo

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 4

os encargos domésticos e, no caso de filhos pequenos, têm mais dificuldades do que os homens de se jogarem mais intensamente na carreira. Por exemplo, fica mais difícil para uma executiva viajar a trabalho do que para seu colega homem. As mulheres também enfrentam discriminação na hora de assumir um cargo de comando, simplesmente porque os homens não querem ser chefiados por mulheres.

FOLHA DIRIGIDA – Quais são as causas desse aumento das mulheres no mercado de trabalho?

Cristina Bruschini – Desde os anos 70 ocorrem mudanças demográficas, entre elas o menor número de filhos por família. Portanto, as mulheres ficam mais liberadas para ir para o mercado de trabalho. Também aumentou o número de famílias monoparentais chefiadas por mulheres, ou seja, famílias em que as mulheres são as únicas provedoras. Elas precisam ir para o mercado de trabalho, na realidade, não por uma opção de carreira, mas por uma necessidade de sustentar a própria família. Outras causas são educacionais e culturais, acionadas pela maior escolaridade das mulheres, tanto no ensino médio, quanto no ensino superior. Até os anos 70 as trabalhadoras eram jovens, solteiras e sem filhos, porque o casamento e, sobretudo a maternidade, dificultavam a saída delas do espaço doméstico. Nos anos 80, as trabalhadoras passaram a ser mais maduras, casadas, com responsabilidades familiares e mães. Isso pode ser visto como resultado de dois movimentos: de um lado como complementação da renda familiar, de outro como opção de carreira. ✕

Entrevista publicada na FOLHA DIRIGIDA, em outubro de 2008.

Assinada por Jussara Santos.